

Precursores da Bibliografia Brasileira

EDSON NERY DA FONSECA

A história da Bibliografia já foi classificada em seis grandes fases: a erudita (séculos XV e XVI), a histórica (século XVII), a científica (século XVIII), a literária e bibliográfica (1790 a 1810), a artesanal (1810 a 1914) e a técnica (depois de 1914). (33)*

A bibliografia brasileira surgiu na época artesanal, caracterizada pela Sra. Louise-Noelle Malcèlès como a dos grandes pesquisadores, “aussi isolés, obstinés et ardents que les savants d'autrefois” (33, pág. 89).

Em bibliografia, como em tudo o mais, o trabalho individual precede o coletivo. No Brasil, como em outros países, antes do estabelecimento de uma organização bibliográfica — organização que, em algumas nações, se transformou em verdadeira indústria — existiu o que a Sra. Malcèlès chamou de “bibliographie en chambre” (33, pág. 91).

Não há dúvida em que a pesquisa bibliográfica deve hoje organizar-se em bases coletivas. Esta é uma exigência da própria matéria prima da bibliografia, cujo crescimento já pode ser caracterizado em termos de explosão: a debatidíssima “information explosion”. Mas isso não deve importar em esquecimento do que foi o esforço individual dos nossos primeiros bibliógrafos.

No presente artigo, analisamos as contribuições de seis

* Os números entre parênteses indicam as referências bibliográficas, alfabeticamente ordenadas no fim do texto.

precursores da bibliografia brasileira: Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Alfredo do Vale Cabral, Augusto Vitorino Alves Sacramento Blake, Alfredo de Carvalho, Antônio Simões dos Reis e Rubens Borba de Moraes.

Os três primeiros floresceram no século passado e os três últimos no atual, estando Simões dos Reis e Borba de Moraes felizmente ainda vivos. Vivos e atuantes — dinamicamente atuantes — como veremos.

A seleção baseou-se, como igualmente se verá, nas contribuições dos referidos pesquisadores em diferentes gêneros bibliográficos: Ramiz Galvão na bibliografia geral, Vale Cabral na bibliografia nacional, Sacramento Blake no dicionário bibliográfico, Alfredo de Carvalho na bibliografia brasiliana, Simões dos Reis na bibliografia de bibliografias e Borba de Moraes na reorientação das pesquisas iniciadas por Ramiz Galvão — organizando-as em equipe, como exige a produção bibliográfica da nossa época — e ampliação da área desbravada por Alfredo de Carvalho.

BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO (1846-1938)

Em crônica antológica, o poeta Carlos Drummond de Andrade observou que “do bibliófilo ao bibliógrafo a distância é variável. Alguns nunca a transpõem. Outros vencem-na de um salto” (1, pág. 544).

As primeiras bibliografias nasceram no seio de grandes bibliotecas, particulares ou públicas. Quem possui ou dirige uma coleção, sente-se naturalmente inclinado a dar o salto a que se refere o poeta: a descrever e não apenas colecionar os livros que possui ou pelos quais é responsável.

Foi o que aconteceu com Diogo Barbosa Machado — o fundador da bibliografia portuguesa — e com aquele a quem coube o mesmo papel no Brasil: o barão Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

O autor da *Bibliotheca lusitana* não é citado aqui por acaso: sua preciosa coleção, doada a El-Rei D. José I, foi trazida por D. João VI para o Brasil, em 1808, constituindo-se no acervo inicial da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, funda-

da em 1810. Pouco mais de meio século depois, Ramiz Galvão assumia a direção da mesma Biblioteca, organizava a coleção Barbosa Machado e publicava o seu catálogo, completava a *Bibliotheca lusitana* e escrevia a biografia do seu autor, iniciava a publicação dos *Anais da Biblioteca Nacional* e montava a Exposição de História do Brasil: lançava, enfim, os alicerces da bibliografia brasileira.

Nasceu Ramiz Galvão no Rio Grande do Sul e formou-se em Medicina no Rio de Janeiro. Tomou parte na Guerra do Paraguai e no combate à epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro. Foi professor de Química Orgânica, Zoologia e Botânica na Faculdade de Medicina da mesma cidade e de Grego, Retórica, Poética e Literatura Nacional no Colégio Pedro II. Como educador, dirigiu a Instrução Pública do antigo Distrito Federal e foi preceptor dos netos de D. Pedro II. Historiador, foi secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, dirigiu a *Revista* do mesmo Instituto, publicou estudos originais, fez pesquisas de interesse para a História do Brasil em bibliotecas européias e dirigiu a publicação do *Diccionario historico, geographico e ethnographico do Brasil*. Filólogo, escreveu um *Vocabulario etymologico, ortographico e prosodico das palavras portuguesas derivadas da lingua grega*. Isto, que bastaria para imortalizar qualquer indivíduo, não foi tudo, pois dos 12 anos que Ramiz Galvão passou na direção da Biblioteca Nacional disse o historiador Basílio de Magalhães que foram “os mais fecundos e os mais gloriosos de sua vida pública” (32, pág. 554).

As contribuições de Ramiz Galvão à bibliografia brasileira foram motivadas pelos trabalhos de reorganização de duas grandes bibliotecas: a Biblioteca Nacional e o Real Gabinete Português de Leitura, também do Rio de Janeiro.

Como bibliotecário completo, ao reorganizar a Biblioteca Nacional Ramiz Galvão não se preocupou com apenas este ou aquele aspecto, mas planejou e realizou um trabalho global.

Para Gilberto Freyre, o “bibliotecário completo” é aquele que cuida, ao mesmo tempo, “do geral e dos pormenores”, zelando pelas coleções que estão sob sua responsabilidade, mas

“sem esquecer-se de que os livros devem existir para os homens como os sábados da definição de Cristo” (29).

Ramiz Galvão de tudo cuidou: da conservação e do desenvolvimento das coleções, da classificação, da catalogação e da formação de pessoal especializado na execução de tais processos, e no atendimento do público. E consciente do objetivo cultural das bibliotecas, não se restringiu aos pormenores técnicos. Organizou exposições, editou obras raras e a melhor revista histórico-bibliográfica do país.

Nos *Anais da Biblioteca Nacional* — iniciados em 1876 e por ele dirigidos até 1881 (8 volumes) — publicou Ramiz Galvão seus estudos bio-bibliográficos e, sobretudo, o monumental *Catalogo da Exposição de Historia do Brasil*, que é, como já salientou o historiador José Honório Rodrigues, o “maior instrumento bibliográfico brasileiro” (43).

Já tivemos oportunidade de escrever da Exposição de História do Brasil — o ponto mais alto da administração de Ramiz Galvão à frente da Biblioteca Nacional e a respeito da qual existe um precioso livrinho de Felix Ferreira (21) — que ela teve isto de singular: não acabou (26, pág. 30).

Com efeito, desmontados os mostruários e devolvidos os documentos a seus lugares, a Exposição continuou existindo, quase como o apartamento imortalizado nos versos de Manuel Bandeira: “intacto, suspenso no ar”. Atravessou os anos e chegou a nossos dias através da única forma que garante às exposições — iniciativas efêmeras, embora, por vezes, de alta significação cultural — um caráter permanente: os catálogos.

O *Catalogo da Exposição de Historia do Brasil* é muito mais do que o seu título indica, tanto na forma como no conteúdo. É mais do que um “Catalogo” e mais do que “de Historia do Brasil”. Referencia documentos de todos os gêneros — manuscritos, iconográficos, numismáticos e até tri-dimensionais, como estátuas e bustos, e não apenas bibliográficos — pertencentes a diferentes bibliotecas e até a colecionadores particulares; de muitos desses documentos fornece, além das referências, notas históricas. Em relação ao conteúdo, verifica-se que a História foi considerada “em sua maior amplitude”, como Ramiz Galvão deixou explícito no prefácio e pode ser consta-

tado pelas diferentes seções da classificação adotada: I — Geografia do Brasil; II — Estatística; III — Publicações periódicas; IV — História Civil; V — História Administrativa; VI — História Eclesiástica; VII — História Constitucional; VIII — História Diplomática; IX — História Militar; X — História Natural; XI — História Literária e das Artes; XII — História Econômica; XIII — Biografia; XIV — Numismática; XV — Vistas. Paisagens. Marinhas; XVI — História; XVII — Tipos. Usos. Trajes; XVIII — Genealogia. Heráldica; XIX — Retratos. Estátuas. Bustos; XX — História Natural.

Vinte mil, trezentos e trinta e sete documentos foram referenciados no *Catalogo da Exposição de Historia do Brasil*, publicado em 3 tomos do volume 9 dos *Anais da Biblioteca Nacional* (30).

Em 1895, o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro convidou Ramiz Galvão para organizar um catálogo completo de suas coleções, permanentemente enriquecidas pelo depósito legal de tudo o que se imprime em Portugal.

Os trabalhos, iniciados naquele ano, foram interrompidos em 1900, recomeçados em 1905 e concluídos no mesmo ano. Em 1906 publicou-se o *Catalogo do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro* (31).

Como no *Catalogo da Exposição de Historia do Brasil*, Ramiz Galvão adotou o arranjo sistemático, seguindo, desta vez, o sistema decimal de Melvil Dewey, com as adaptações nele introduzidas, em 1895, pelos belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine e extensões por ele próprio elaboradas para a História e a Geografia do Brasil e Literaturas Portuguesa e Brasileira.

O *Catalogo do Gabinete Português de Leitura* ainda hoje é consultado com proveito por pesquisadores — pelas informações históricas e bibliográficas incluídas nos verbetes de obras raras — e por bibliotecários, como guia para a classificação de livros.

ALFREDO DO VALE CABRAL (1851-1894)

Na reorganização da Biblioteca Nacional do Rio de Ja-

neiro, Ramiz Galvão cercou-se de competentes colaboradores, como João de Saldanha da Gama, José Alexandre Teixeira de Melo, José Zeferino de Menezes Brum e Alfredo do Vale Cabral. E com o objetivo de ampliar e dar continuidade a seu trabalho, realizou concursos públicos para admissão de pessoal especializado. Concursos constituídos de provas de História Universal, Geografia, Literatura, Filosofia, Bibliografia (no sentido mais amplo que a palavra teve antigamente, compreendendo a História do Livro e a Biblioteconomia), Iconografia, Classificação de Manuscritos e traduções de textos latinos, ingleses e franceses. Através de tais concursos, ingressaram na Biblioteca Nacional intelectuais da categoria de Capistrano de Abreu, João Ribeiro, Miguel Lemos e Constâncio Alves (18).

Alfredo do Vale Cabral foi, sem dúvida, o principal colaborador de Ramiz Galvão, tanto na reforma da Biblioteca Nacional como na organização da Exposição de História do Brasil e do seu *Catalogo*. Ele nasceu na Bahia, em 17 de novembro de 1851 e morreu no Rio de Janeiro, em 23 de outubro de 1894. Dêle pode-se dizer que foi uma vítima das pesquisas que empreendeu e acabou morrendo de tanto nelas trabalhar. José Honório Rodrigues, em excelente estudo, já demonstrou sua competência como bibliógrafo, crítico de textos, paleógrafo, folclorista e epigrafista. Cabe-nos aqui salientar apenas as suas principais contribuições bibliográficas.

Como já dissemos em outra oportunidade, foi Alfredo do Vale Cabral o fundador, no Brasil, da bibliografia nacional, entendida esta como o registro das publicações impressas num só país (25). Na obra que é, como escreveu José Honório Rodrigues, “o seu maior título, como bibliógrafo e estudioso” — *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822* (6) — ele apresenta uma contribuição original à história da introdução da imprensa no Brasil e descreve — completando as referências bibliográficas com notas históricas — as obras impressas no Rio de Janeiro, desde a fundação da Imprensa Régia, em 1808, até a Independência.

Mesmo recusando-se prudentemente a qualificar sua bibliografia como completa, Vale Cabral referenciou 1.251 publicações, deixando inédito um suplemento póstumamente di-

vulgado: “Suplemento aos Anais da Imprensa Nacional, 1808-1823” (7).

Tendo ingressado na Biblioteca Nacional em 1873, por iniciativa de Ramiz Galvão, Vale Cabral foi trabalhar na Seção de Manuscritos, que chefiou de 1882 a 1889. A Seção, que era antes caótica, ressurgiu com o seu trabalho eficiente e pertinaz. A classificação que elaborou para os manuscritos ainda hoje é adotada pela Biblioteca Nacional e pode ser apreciada no catálogo por ele organizado, que é uma obra prima no gênero (5).

AUGUSTO VITORINO ALVES SACRAMENTO BLAKE (1827-1903)

Ao mesmo tempo em que Ramiz Galvão organizou a Exposição de História do Brasil e Vale Cabral se preocupava com o registro da bibliografia nacional, outro brasileiro — formado em Medicina como o primeiro e natural da Bahia como o segundo, mas, sem nenhuma ligação com ambos — tentava um gênero diferente: o dicionário bibliográfico.

Nêste gênero já se haviam destacado, na Espanha, Nicolás António e, em Portugal, Diogo Barbosa Machado e Inocêncio Francisco da Silva. Pode-se mesmo dizer, parafraseando a genealogia bíblica, que Nicolás António — autor da *Biblioteca hispana nova* e da *Bibliotheca hispana vetus* — “genuit” Barbosa Machado, que êste “genuit” Inocêncio e o autor de *Diccionario bibliographico portuguez* “genuit” o nosso Sacramento Blake.

O autor do *Diccionario bibliographico brasileiro* (4) nasceu em 2 de novembro de 1827 e doutorou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia. Ainda estudante, fundou e foi o único colaborador do periódico *O Atheneu*. Tomou parte, como cirurgião da artilharia, na Guerra do Paraguai e exerceu vários cargos ligados à saúde pública. Publicou trabalhos literários e científicos, inclusive uma tese que o coloca entre os precursores da medicina psico-somática: *Reflexões sobre a saudade, considerada como uma molestia d'alma e dando causa a uma serie de affecções pathologicas*. Tese publicada na Bahia, em

1849 e devidamente referenciada no *Diccionario*, porque Sacramento Blake, seguindo o exemplo de outros bibliógrafos da antiguidade, também se autobibliografou.

No posfácio do sexto volume do *Diccionario bibliographico brasileiro*, Sacramento Blake informa que, em 1898, foi afetado por moléstia gravíssima, desenganado por vários médicos, tendo concluído sua obra já quase cego. Morreu um ano depois da publicação do último volume do *Diccionario*, que durou dezenove longos anos e da qual já havia exclamado, em 1893, no prefácio do segundo volume: “é dolorosa a gestação tipográfica desta minha pobre publicação!”

Sacramento Blake tinha consciência de que, como escreveu no prefácio do primeiro volume, “um trabalho dêste gênero um homem só, por muito grande cabedal de ilustração que possua, não pode cabalmente desempenhar”. Mas como sentia que o Brasil precisava de uma obra semelhante à de Inocêncio, decidiu organizá-la, contando com a colaboração de academias, institutos e autores individuais, aos quais se dirigiu por meio de circulares.

“Foi um capricho, uma loucura talvez”, confessa êle, já arrependido, no prefácio do primeiro volume, porque não obteve a colaboração solicitada e teve de trabalhar sozinho na grande obra que planejava. Daí reconhecer que o resultado foi “um trabalho incompleto, deficientíssimo”, como declarou no já referido prefácio do primeiro volume.

Alguns críticos da época foram muito severos no julgamento do *Diccionario bibliographico brasileiro*, mas êle é “ainda hoje um útil instrumento de trabalho”, como já salientou Fidelino de Figueirêdo, que apontou esta virtude em Sacramento Blake: “uma contenção mais decidida ao redigir os seus esboços biográficos, sem anedotas nem digressões inúteis, sempre uma equilibrada sobriedade” (22). Seu principal defeito foi, como também salientou Fidelino de Figueirêdo, o de ter sido menos exigente que Inocêncio na identificação das obras, omitindo as tipografias em que foram impressas, sob a ingênua alegação de que “ninguém procura um livro pela oficina em que foi impresso”. Êle devia saber que para um levantamento histórico da arte tipográfica no Brasil — levanta-

mento ensaiado pelo próprio Sacramento Blake, no prefácio do primeiro volume do *Diccionario* — as indicações omitidas são importantíssimas.

Com os verbetes encabeçados pelos nomes de batismo dos autores, tal como fizeram Barbosa Machado e Inocêncio, o *Diccionario bibliographico brasileiro* era uma obra de referência deficiente, até que, em 1937, o historiador Jango Fisher organizou um índice por sobrenomes (24). Vinte anos depois, estando o citado índice esgotado, o escritor Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha elaborou uma nova indexação, tecnicamente mais completa e aperfeiçoada (17).

ALFREDO DE CARVALHO (1870-1916)

Na história da bibliografia brasileira, o “caso” de Alfredo de Carvalho é singular, pela sua formação profissional de engenheiro civil, iniciada na Alemanha e concluída nos Estados Unidos, em 1894. Êle exerceu esta profissão a vida inteira, mas teve um “hobby” que o empolgou mais do que as estradas de ferro e os serviços portuários em que estêve sempre engajado: os estudos de história e geografia do Brasil.

Nêstes estudos tornou-se um mestre acatado em todo o país, pelos muitos livros, artigos, resenhas bibliográficas e traduções que publicou, valendo-se, para estas, de profundo conhecimento de línguas românicas e anglo-saxônicas.

Foi sócio fundador e presidente da Academia Pernambucana de Letras, sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e dos institutos congêneres de vários Estados. Mas, como salientou José Honório Rodrigues, “sua principal atividade de erudito, bibliógrafo e competente tradutor se operou no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, como primeiro-secretário e redator da *Revista* (1899-1910), à qual deu, sem favor, um destaque raras vezes atingido” (45).

Dificuldades financeiras que teve de enfrentar nos últimos anos de vida, fizeram-no vender a uma livraria do Recife sua biblioteca particular: “uma preciosa coleção de livros, gravuras e mappas referentes ao Brasil, em especial, e à Ameri-

ca Latina, em geral”, como diz a folha-de-rosto do catálogo por ele mesmo organizado e publicado com o título de *Bibliotheca brasiliense selecta* (13).

Duas grandes e importantes áreas da bibliografia brasileira foram desbravadas por Alfredo de Carvalho: a da imprensa periódica e a das obras sobre o Brasil escritas por estrangeiros. De suas pesquisas na primeira das referidas áreas surgiu o ensaio bibliográfico intitulado “Genese e progresso da imprensa periodica no Brasil”, publicado em tomo especial da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* consagrado à Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário da Imprensa Periódica no Brasil (9).

A êste ensaio bibliográfico — classificado por Max Fleiuss, na introdução ao tomo citado, como “erudito” e “notável” — seguiram-se os catálogos dos periódicos dos Estados, dentre os quais se destaca o relativo a Pernambuco, organizado por Alfredo de Carvalho (10).

No mesmo ano, Alfredo de Carvalho reeditou êste catálogo, precedido de um novo ensaio bibliográfico sobre a “Genese e progressos da arte typographica em Pernambuco” e seguido por “Dados estatísticos” e “Índice onomástico” (11 e 27).

Em matéria de Brasiliana, Alfredo de Carvalho também foi precursor, porque o *Catalogo da Exposição de Historia do Brasil*, como já vimos, é bibliografia de conteúdo muito mais amplo do que seu título indica e os bibliógrafos estrangeiros, como Carraux, Canstatt e Asher, ofereceram contribuições parciais, do ponto de vista lingüístico. Quanto à *Bibliotheca brasiliense*, de José Carlos Rodrigues (41), também é bibliografia na qual estão referenciadas publicações estrangeiras e nacionais. Fica, portanto, sem sentido a observação de Eduardo Tavares quando, em nota de rodapé da edição que organizou, estranha não tenha Alfredo de Carvalho citado as bibliografias brasileiras que precederam a *Bibliotheca exotico-brasileira* (12, v. 1, pág. 14).

Vê-se pela maior parte dos ensaios de Alfredo de Carvalho que a literatura brasileira — ou “exótico-brasileira”, como preferia chamá-la — foi uma de suas preocupações dominantes. Ele começou a reunir elementos para a *Bibliotheca exotico-*

brasileira em 1905. Em 1913 fez uma tentativa de completar a obra em bibliotecas européias, apresentando, com êste objetivo, “Memória justificativa” ao Ministro das Relações Exteriores. A primeira Guerra Mundial obrigou-o a adiar o seu plano “para dias mais calmos, que, fazemos votos, não tardarão em voltar”. Isto ele escrevia em abril de 1915, sem saber que morreria no ano seguinte, antes do fim do conflito.

Os originais desta obra — como os de outras do autor — foram vendidos por sua família à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e publicados posteriormente, por iniciativa do Governo do Estado de Pernambuco, então chefiado por Estácio Coimbra.

Alfredo de Carvalho calculava que a obra teria 3 a 4 volumes. Eduardo Tavares — designado pelo Governo de Pernambuco para “coligir e publicar em livros os trabalhos inéditos ou dispersos nos jornais” — publicou apenas 3, deixando a *Bibliotheca exotico-brasileira*, não sabemos porque, incompleta (12). Do seu trabalho editorial escreveu José Honório Rodrigues: “É de lamentar que a edição fôsse dirigida por pessoa pouco competente, pois daí advêm erros, falhas e omissões indesculpáveis” (42, pág. 459).

A parte final da *Bibliotheca exotico-brasileira* foi publicada pela Biblioteca Nacional, em 1963, precedida de estudo crítico e bibliográfico de José Honório Rodrigues (45) e seguida de dois outros trabalhos inéditos: a “Biblioteca exótica pernambucana” e a “Bibliografia geográfica brasileira” (14 a 16).

Embora trabalhando principalmente na província, Alfredo de Carvalho procurou sempre, como vimos, ampliar seus estudos de âmbito local ao plano mais vasto da história nacional.

ANTÔNIO SIMÕES DOS REIS (n. 1899)

Na primeira das quatro notáveis conferências sobre metodologia da crítica literária que proferiu no Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, em 1913 — conferências reunidas no seu livro *Aristarchos* — Fidelino de Figueirêdo afirmou: “nos nossos países a bibliografia especial passou a-

diante da geral, ao ponto de ser necessário criar nestes estudos um outro apartado, a super-bibliografia ou *bibliografia das bibliografias*, que deu o primeiro passo em Portugal no ano de 1919 (v. *Revista de História*, v. 8, 1919, pp. 32-48), mas que ainda não nasceu no Brasil" (22, pág. 66).

O próprio Fidelino de Figueirêdo — que foi o primeiro crítico literário a salientar, em língua portuguesa, a importância da pesquisa bibliográfica — acrescentou àquela sua conferência um "Subsidio para uma bibliographia das bibliographias brasileiras" (23). Mas observava, concluindo a apresentação d'êsses "Subsidio": "Esta primeira tentativa será brevemente apenas uma recordação histórica de boa vontade: o Instituto Nacional do Livro, do Rio de Janeiro, meteu ombros a êsse empreendimento de inventariar as bibliografias brasileiras" (23, pág. 73).

Com efeito, em 1942 publicava o benemérito órgão do Ministério da Educação e Cultura — fundado em 1937 pelo escritor Augusto Meyer, a quem a bibliografia e a biblioteconomia brasileiras muito devem, e dirigido presentemente, com extraordinário dinamismo, por outro escritor: Umberto Peregrino — o resultado do inventário a que aludia Fidelino de Figueirêdo. Inventário realizado por Antônio Simões dos Reis, de quem já tivemos oportunidade de escrever que, "sòzinho, trabalha como se fôsse uma instituição inteira" (25, pág. 111).

Da vida de Simões dos Reis sabemos muito pouco, mas êsse pouco é a sua glória, pois está numa das mais belas páginas escritas por Carlos Drummond de Andrade. Pedimos licença ao poeta para extrair de sua crônica "Poesia e utilidade de Simões dos Reis" êste parágrafo inicial: "Veio de Aracaju. Mas poderia ter vindo de qualquer parte do Brasil ou do mundo. Estudou vagamente Direito em Niteroi. Deve ter esquecido o que aprendeu então. Escreve em jornais, mas não é jornalista. Funcionário, chefe de família, tem obrigações civis, que desempenha normalmente. Nada disso conta, porém. Na vida de Antônio Simões dos Reis, o próprio Antônio Simões dos Reis nada significa. A única coisa que conta é o livro" (1, pág. 543).

Vinte e sete anos depois de publicada, a *Bibliografia das bibliografias brasileiras* (39) tornou-se inevitavelmente incomple-

ta. Mas ainda presta grandes serviços, pelo critério de exaustividade que orientou a pesquisa, correta referenciação e indexação das bibliografias. Ao contrário do que ocorre com a maior parte das bibliografias, ela pode ser criticada menos pelo que omitiu do que pelo que incluiu, pois Simões dos Reis referenciou vários trabalhos que nada têm de bibliográficos. Mas dêsse pecado o autor pode ser facilmente absolvido, pois teve a sabedoria de registrar os velhos catálogos das bibliotecas brasileiras, talvez orientado pelo que dêsses geralmente desprezados repertórios escreveram Martinho da Fonseca (28) e Fidelino de Figueirêdo (22, pág. 67).

Como a paixão pela bibliografia parece ter perturbado um pouco o juízo de Antônio Simões dos Reis, lançou-se êle a outro empreendimento que as bibliotecas nacionais não conseguem realizar satisfatoriamente, tendo alguns países resolvido o problema em termos empresariais: o inventário da bibliografia corrente, com indexação inclusive, das publicações periódicas. Olhando, hoje, para os oito volumes de sua *Bibliografia nacional*, correspondentes aos anos de 1942 e 1943 (40), Simões dos Reis poderia exclamar, como Sacramento Blake: "Foi um capricho, uma loucura talvez"!

Capricho ou loucura, o fato é que Simões dos Reis continuou a trabalhar sòzinho, produzindo, além de várias bibliografias monográficas, uma contribuição de grande interesse literário e político, como a série de *Pseudônimos brasileiros* (38), que teve o mérito de continuar e ampliar a pesquisa de Tancredo de Barros Paiva (37), mas, infelizmente, foi interrompida.

RUBENS BORBA DE MORAES (n. 1899)

O *Catalogo da Exposição de Historia do Brasil* foi publicado, como já vimos, em 1881 e durante mais de meio século os estudos brasileiros não contaram com outro Ramiz Galvão, que os sistematizasse e referenciasse. Depois de tantos anos, o trabalho bibliográfico deixou de ser individual para organizar-se em equipes. Desde 1914, aliás, a bibliografia deixara de ser "artesanal" e ingressara na fase técnica (33).

Rubens Borba de Moraes foi, no Brasil, o Ramiz Galvão desta fase. Sua atuação como diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e suas contribuições bibliográficas — tanto quanto sua formação humanística — lembram muito a figura e a obra de Ramiz Galvão.

Ele nasceu em São Paulo, em 23 de janeiro de 1899. Em 1909 transferiu-se para Paris, onde iniciou os estudos preparatórios, que concluiu na Suíça, licenciando-se em letras no ano de 1919 e na cidade de Genebra. De volta ao Brasil, tomou parte na Semana de Arte Moderna (1922) e colaborou em revistas literárias de vanguarda.

Depois do movimento modernista Rubens Borba de Moraes seguiu para os Estados Unidos, onde estudou a organização e o funcionamento das bibliotecas. Regressando a São Paulo, foi convidado pelo escritor Mário de Andrade — primeiro diretor do Departamento de Cultura — para dirigir a Biblioteca Municipal, subordinada ao mesmo órgão, e tomou parte no movimento renovador do ensino da Biblioteconomia, então iniciado naquela cidade.

A Biblioteca Municipal foi totalmente reformada, de 1935 a 1941, inaugurando-se no ano seguinte o atual edifício, construído sob a orientação de Borba de Moraes. Em 1945 ele foi dirigir a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que também reformou, em três anos, de alto a baixo. Tornou-se, em seguida, funcionário das Nações Unidas, como diretor, primeiro, do seu Serviço de Informações em Paris e, depois, da Biblioteca da referida Organização, em Nova York. Sua carreira como bibliotecário, portanto, processou-se nos cenários municipal, nacional e internacional. Rubens Borba de Moraes é hoje professor titular da Universidade de Brasília, em cuja Faculdade de Biblioteconomia ensina História do Livro e Bibliografia Brasileira.

A primeira grande contribuição de Rubens Borba de Moraes à bibliografia nacional foi o *Manual bibliográfico de estudos brasileiros* (34), que planejou, organizou e editou, com a colaboração do professor William Berrien. Produto típico de uma época técnica e de um trabalho de equipe, o *Manual* é muito superior ao *Catálogo da Exposição de História do Bra-*

sil: melhor sistematização do material, referências bibliográficas sempre acompanhadas de comentários e ensaios introdutórios para cada área.

O grupo de especialistas convocado por Rubens Borba de Moraes não podia ser melhor: *Arte*, Robert C. Smith; *Direito*, Sílvio Portugal; *Educação*, Paul Briquet (de 1500 a 1889) e Lourenço Filho (de 1889 a 1914); *Etnologia*, Herbert Baldus; *Filologia*, J. Matoso Câmara Júnior; *Folclore*, Mário de Andrade; *Geografia*, Pierre Mombeig; *História*, Rubens Borba de Moraes (obras gerais, bibliografia e viagens), Sérgio Buarque de Holanda (Período Colonial), Otávio Tarquínio de Sousa (Independência, Primeiro Reinado e Regência), Caio Prado Júnior (Segundo Reinado e assuntos especiais), Gilberto Freyre (República), Alice Canabrava (Obras gerais e Bandeiras) e José Honório Rodrigues (Domínio Holandês); *Literatura*, William Berrien (parte geral), Astrojildo Pereira (pensadores, críticos e ensaístas), Francisco de Assis Barbosa (romance, contos, novelas), Manuel Bandeira (poesia) e Leo Kirschbaum (teatro); *Música*, Luís Heitor Correia de Azevedo; *Obras gerais de Referência*, Rubens Borba de Moraes e José Honório Rodrigues; e *Sociologia*, Donald Pierson.

Sabendo, como todo bibliógrafo consciente, que seu ofício pode ser comparado ao de Sísifo e que na organização de bibliografias devemos logo prever a sua atualização constante, Rubens Borba de Moraes planejou uma série de monografias, cuja direção entregou a Irene de Menezes Dória. Infelizmente, nesta série foram publicados apenas dois volumes, porque a editôra encerrou suas atividades: os relativos à *Etnologia* (2) e ao *Folclore* (8). Um crítico e pesquisador baiano — o saudoso escritor José Valadares — resolveu atualizar, sozinho, a bibliografia de *Arte*, tendo publicado, até morrer em 1959, três volumes, o último dos quais acumulando os anteriores (46 a 48).

No capítulo sobre Viagens, que é uma de suas colaborações no *Manual bibliográfico de estudos brasileiros* — do qual foi mais do que editor — Borba de Moraes revelou-se profundo conhecedor da literatura exótico-brasileira. De certo modo, êsse capítulo anuncia a sua segunda contribuição bibliográfica,

publicada, com efeito, nove anos depois: a *Bibliografia brasileira* (35). Nesta ele faz reviver a velha tradição dos dicionários bibliográficos — a tradição dos Barbosa Machado e dos Inocêncio — descrevendo e comentando, com erudição espantosa, centenas de obras raras sobre o Brasil e de autores brasileiros, publicadas no estrangeiro.

Como Barbosa Machado, o próprio Rubens Borba de Moraes possui grande parte das obras que referenciou e comentou em sua bibliografia, como é fácil verificar em muitos verbetes nos quais se mistura a erudição e a sensibilidade bibliofílica. De suas aventuras de “book hunter” ele nos deu notícia em seu livro mais recente: *O bibliófilo aprendiz* (36).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ANDRADE, Carlos Drummond de — Poesia e utilidade de Simões dos Reis. Em seu: *Confissões de Minas*, incluído em *Obras completas*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1964, pp. 543-546 (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira).
- 2 BALDUS, Herbert — *Bibliografia comentada de etnologia brasileira* (1943-1950). Rio de Janeiro, Editôra Souza, 1954, pág. 141 (Série bibliográfica de estudos brasileiros, dirigida por Irene de Menezes Dória, v. 1).
- 3 BESTERMAN, Theodore — *Les débuts de la bibliographie méthodique*. 3. éd. rev. Traduit de l'anglais. Paris, La Palme, 1950, pág. 95.
- 4 BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento — *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1883-1902, v. 7.
- 5 CABARAL, Alfredo do Vale — Catalogo dos manuscritos da Bibliotheca Nacional. *Anais da Biblioteca Nacional* (Rio de Janeiro) v. IV (1878), V (1878), X (1883), XV (1892), XVIII (1897) e XXIII (1904). (Os dois primeiros com a colaboração de J. A. Teixeira de Melo e os volumes XV, XVIII e XXIII com a de A. J. do Paço).
- 6 — *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822*. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1881. pág. 339.
- 7 — Suplemento aos Anais da Imprensa Nacional, 1808-1823. *Anais da Biblioteca Nacional* (Rio de Janeiro) v. 73, pp. 109-115, 1964.
- 8 CARNEIRO, Edison — *O folclore nacional* (1943-1953). Rio de Janeiro, Editôra Souza, 1954. pág. 75 (Série bibliográfica de estudos brasileiros, dirigida por Irene de Menezes Dória, v. 2).
- 9 CARVALHO, Alfredo de — Genese e progressos da imprensa periodica no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (Rio de Janeiro) tomo especial consagrado à Exposição Comemorativa do Pri-

meiro Centenário da Imprensa Periódica no Brasil, v. I, pt. I, pp. 1-71, 1908.

- 10 — Estado de Pernambuco. Jornaes, revistas e outras publicações periodicas de 1821 a 1908. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (Rio de Janeiro) tomo especial citado (ver n. 9), v. I, pt. I, pp. 389-682, 1908.
- 11 — *Annaes da imprensa periodica pernambucana, de 1821-1908*. Recife, Typ. “Jornal do Recife”, 1908, pág. 640.
- 12 — *Bibliotheca exotico-brasileira* ... publicada em virtude de autorização legislativa, no governo do exmo. snr. dr. Estacio de Albuquerque Coimbra, governador do Estado de Pernambuco, sob a direção de Eduardo Tavares. Rio de Janeiro, Empresa Graphica Editora, Paulo, Pongetti & C., 1929-1930, 3 v. v. I: A-C; v. 2: D-H; v. I-M.
- 13 — *Bibliotheca brasiliense selecta*. Recife, Livraria Economica, 1916, pág. 258.
- 14 — Biblioteca exótico-brasileira, N. a Z. *Anais da Biblioteca Nacional* (Rio de Janeiro) v. 77, pp. 59-87, 1957.
- 15 CARVALHO, Alfredo de — Biblioteca exótica pernambucana. *Anais da Biblioteca Nacional* (Rio de Janeiro) v. 77, pp. 88-124, 1957.
- 16 — Bibliografia geográfica brasileira. *Anais da Biblioteca Nacional* (Rio de Janeiro) v. 77, pp. 125-235, 1957.
- 17 CUNHA, Alexandre Eulálio Pimenta da — Indice do “Diccionario bibliographico brasileiro” de A. V. A. Sacramento Blake. *Revista do Livro* (Rio de Janeiro) v. 5, pp. 213-236, março 1957; v. 6, pp. 219-232, junho 1957; v. 7, pp. 225-242, setembro 1957; v. 8, pp. 265-284, dezembro 1957.
- 18 DIAS, Antônio Caetano — *O ensino da biblioteconomia no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, 1958. pág. 32.
- 19 EMERENCIANO, Jordão — *Três instrumentos de trabalho (fontes básicas para estudos portugueses)*. Recife, Imprensa Universitária, 1965, pág. 226.
- 20 — *Fidelino de Figueiredo, bibliógrafo*. Recife, Instituto de Estudos Portugueses da Universidade Federal de Pernambuco, 1968. pág. 97.
- 21 FERREIRA, Felix — *A Exposição de Historia do Brasil effectuada na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro em dezembro de 1881*. Rio de Janeiro, s. ed., 1882. pág. 102.
- 22 FIGUEIRÊDO, Fidelino de — Da bibliographia geral em Portugal e no Brasil. Em seu: *Aristarchos*. 2. ed. Rio de Janeiro, H. Antunes, 1941, pp. 35-67.
- 23 — Subsídio para uma bibliographia das bibliographias brasileiras. Em seu: *Aristarchos*. 2. ed. Rio de Janeiro, H. Antunes, 1941, pp. 69-80.
- 24 FISHER, Jango — *Indice alphabetico do Diccionario bibliographico brasileiro de Sacramento Blake*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1937. pág. 127.

- 25 FONSECA, Edson Nery da — Desenvolvimento da biblioteconomia e da bibliografia no Brasil. *Revista do Livro* (Rio de Janeiro) v. 5, pp. 95-124, março 1957.
- 26 — Ramiz Galvão, bibliotecário e bibliógrafo. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1963. pág. 47.
- 27 — *Bibliografia de obras de referências pernambucanas*. Recife, Imprensa Universitária, 1964, pág. 86.
- 28 FONSECA, Martinho da — Catalogos, sua importancia bibliographica. *Boletim da Sociedade dos Bibliófilos Barbosa Machado* (Lisboa) v. 2, pp. 89-184, 1913.
- 29 FREYRE, Gilberto — Ressurreição de uma biblioteca. *O Cruzeiro* (Rio de Janeiro) 1 março 1952, pág. 10.
- 30 GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz — Catalogo da Exposição de Historia do Brasil. *Anais da Biblioteca Nacional* (Rio de Janeiro) v. 9 (3 tomos), 1881-1882. t. 1: classes I-IX; t. 2: classes X-XX; t. 3: Suplemento, classes I-XX e Índices.
- 31 — *Catálogo do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Typ. do "Jornal do Commercio" de Rodrigues & C., 1906. 2 v.
- 32 INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. *Jubileu científico do Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão*. Rio de Janeiro, 1919. pág. 51. Reproduzido da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (Rio de Janeiro) t. 83, pp. 554-583.
- 33 MALCLES, L.-N. — *La bibliographie*. Paris, Presses Universitaires de France, 1956, pág. 134 ("Que sais-je?", n. 708).
- 34 MORAES, Rubens Borba de & BERRIEN, William, ed. — *Manual bibliographico de estudos brasileiros*. Rio de Janeiro, Gráfica Editôra Souza, 1949, pág. 895.
- 35 MORAES, Rubens Borba de — *Bibliographia brasiliana; a bibliographiacl essay on rare books about Brazil published from 1504 to 1900, and works of Brazilian authors, published abroad before the Independence of Brazil in 1822*. Amsterdam, Colibris Editora, 1958. 2 v.
- 36 — *O bibliófilo aprendiz. Prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras antigas ou modernas*. São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1965, pág. 198.
- 37 PAIVA, Tancredo de Barros — *Achêgas a um diccionario de pseudonymos, iniciais, abreviaturas e obras anonymas de auctores brasileiros e de estrangeiros, sobre o Brasil ou no mesmo impressas*. Rio de Janeiro, J. Leite, 1929, pág. 248.
- 38 REIS, Antônio Simões dos — *Pseudônimos brasileiros, pequenos verbetes para um dicionário*. 1ª série. Rio de Janeiro, Z. Valverde, 1941.
- 39 — *Bibliografia das bibliografias brasileiras*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1942, pág. 186 (Coleção B 1: Bibliografia, I).

- 40 — *Bibliografia nacional*. v. 1-8, 1942-1943. Rio de Janeiro, Z. Valverde, 1942. 8 v.
- 41 RODRIGUES, José Carlos — *Bibliotheca brasiliense; catalogo annotado dos livros sobre o Brasil e de alguns autographos e manuscriptos pertencentes a J. C. Rodrigues. Parte I. Descobrimento da America; Brasil colonial, 1492-1822*. Rio de Janeiro, Typ. do "Jornal do Commercio", 1907, pág. 680. (A parte II não foi publicada).
- 42 RODRIGUES, José Honório — *Historiografia e bibliografia do domínio holandês no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1949, pág. 489 (Coleção B 1: Bibliografia, VI).
- 43 — *A pesquisa histórica no Brasil, sua evolução e problemas atuais*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1952, pág. 286 (Biblioteca popular brasileira, 30).
- 44 — Alfredo do Vale Cabral — *Anais da Biblioteca Nacional* (Rio de Janeiro) v. 73, pp. 9-38, 1954. (Há separata).
- 45 — Alfredo de Carvalho, vida e obra — *Anais da Biblioteca Nacional* (Rio de Janeiro) v. 77, pp. 7-22, 1957. (Há separata).
- 46 VALADARES, José do Prado — *Arte brasileira, publicações de 1943-1953*. Salvador, Centro de Estudos Baianos, 1955, pág. 78.
- 47 — *Arte brasileira, publicações de 1954*. Salvador, Livraria Progresso Editôra, pág. 41.
- 48 — *Estudos de arte brasileira, publicações de 1943-1958*. Salvador, Museu do Estado da Bahia, 1960, pág. 193.